O Apóstolo Pedro

e sua trajetória com Jesus



Relatos biográficos e históricos

INDICE

Jesus era afável, alegre e um bom amigo	1
As palavras de Jesus traziam a marca da sua comunhão com o Pai	5
Em tudo Jesus foi bom e para todos é modelo	8
Os feitos de Jesus espalhavam esperança e gratidão	11
Em Roma, abracei meu filho Marcos pela última vez	13
Vi-me em meu pequeno barco, que me havia sido dado por meu pai	17
O apóstolo Pedro teria reencarnado como Santo Agostinho?	24

O Apóstolo Pedro e sua trajetória com Jesus

Sempre houve neste mundo adversários ferrenhos do Cristo, por causa de seus ensinos. Sempre houve quem quisesse apagar seu nome, pensando que, uma vez atingido tal objetivo, o Cristo e seus ensinos seriam varridos da face da Terra. A Revolução Francesa (1789-1799) fez uma grande campanha nesse sentido, queimando igrejas, deportando ou assassinando padres e freiras, proibindo cultos, acreditando que, se eliminassem os cristãos e seus locais de culto eliminariam o cristianismo, iniciando pela França. Não vemos em pleno século XXI cristãos sendo assassinados só pelo fato de serem cristãos?

No entanto, apesar do sangue de tantos cristãos já derramado sobre o chão do planeta, os ensinos do Cristo não foram e jamais serão atingidos. O Cristo continua vivo e atuante, assim como todos os cristãos mortos em nome dele.

Pensamos que é um dever de gratidão ao Cristo e àqueles que deram a vida para que hoje tivéssemos os ensinos do Cristo restabelecidos pelo Espiritismo, buscar conhecer melhor suas histórias e mantê-las vivas em nossos corações.

Foi com essa intenção que chamamos Pedro, um dos primeiros cristãos, cujo sangue foi derramado em Roma, no ano 67 d. C., para nos contar um pouco de sua história com Jesus, aquecer nossa fé e nos aproximar do Mestre.

Eis o que obtivemos:

Relato I

Jesus era afável, alegre e um bom amigo

Por Pedro, apóstolo

"Espíritas, filhos de Deus peregrinando no mundo, edificando a boa obra, venho, atendendo ao vosso pedido, falar-vos sobre o Cristo, a quem devemos o anúncio do Reino dos Céus e o exemplo a ser seguido para alcançar esse Reino.

Estávamos na embarcação que nos levaria a outras terras, quando Marcos, meu filho do coração, perguntou-me: “Como era Jesus, o Cristo, nosso salvador?”

Seu olhar juvenil, pleno de útil curiosidade e de amor, fez-me transportar a alma aos anos mais ricos e intensos daquela existência. Como nossa nau demoraria para atracar, resolvi atender aos anseios mais urgentes de informação do jovem, que sorvia cada palavra como se bebesse da água mais cristalina e refrescante em dia quente. Não lhe falei inicialmente sobre a pesca milagrosa, tampouco das tantas curas realizadas pelo Mestre ou dos inúmeros fenômenos que presenciávamos. Falei-lhe, mirando seu olhar terno de moço, que recém embarcara rumo à sua primeira viagem missionária, do quanto Jesus era afável, alegre e amigo.

As palavras do Mestre – disse a ele – tocavam-nos de maneira especial. Muitas vezes, traziam uma sabedoria que escapava à nossa limitada capacidade de compreensão, mas a maioria delas era de uma singeleza e de uma clareza prática que nos levava a uma maior proximidade com ele. Era desta maneira que ele nos fazia percebê-lo: bem próximo. Tratava-se de um ser com quem sempre podíamos contar; que, além de excelente professor, era também um irmão, um pai, um amigo fiel e verdadeiro.

A alegria que o Mestre irradiava era a mola propulsora que nos levava, logo cedo, a iniciarmos nossos afazeres. Todos nós, seus discípulos mais frequentes, éramos tratados de maneira

carinhosa e significativa por denominações que – muitas perdidas no tempo – ilustravam o afeto que ele nos dedicava. *Torre, Pedra, Menor, Filhos do Trovão*[1], foram alguns poucos desses novos nomes de que a tradição guardou algum vestígio.

Sua maneira de ensinar, desde a conversação ao próprio exemplo, sempre se fundamentou na felicidade que vibrava em seu ser de perfeita pureza, mas que nós, mesmo ao seu lado, não compreendíamos em toda sua dimensão e profundidade. Ele agia e falava expressando a bem-aventurança que vivia internamente; o Reino dos Céus poderia ser encontrado dentro de cada um; isso era visto por quem tivesse olhos de ver, ao conviver com o nosso Mestre, que de fato o tinha em seu interior.

A todo sofredor, o Cristo falava sobre o seu Reino. Ele o descrevia com figuras festivas, com imagens de fartura, de refrigério, de alegria, de amor e de paz. Os doentes já desenganados, os pecadores mais desalentados, as viúvas, os desvalidos, os que haviam sido riscados do livro dos vivos, eram contagiados pela alegria do Mestre que, com sua palavra tranquila e justa, chegava aos corações depositando neles novas esperanças; eram bem-aventuranças antecipadas pelo convívio com o Justo.

Minha alma, ainda mergulhada nas memórias que compartilhava com Marcos, mal percebera que a Sicília já podia ser avistada ao longe. Sorri e disse ao jovem:

– Marcos, chegaremos em breve ao nosso primeiro porto.

Vi uma leve frustração em seus olhos. Sabia, assim como ele, que eu recém começara a narrar-lhe sobre meus passos com o Cristo. Ele nada me disse, mas era visível seu desejo de ouvir mais. Então eu o tranquilizei afirmando:

---

[1] Veja-se: Marcos, 3:16-35.

– Teremos tempo, estaremos juntos. Basta que queiras de todo coração e ouvirás sobre o Mestre e sua Boa Nova. Tudo o que me for possível transmitir, eu o farei.

A brisa tocava nossas faces; os pássaros da costa circulavam próximos à embarcação; a terra nos esperava, assim como os irmãos em Cristo que nos receberiam, antes de Roma."

Pedro

(Psicografada dia 17 de dezembro de 2025.)

Jesus não é o chefe de uma religião, é um puro Espírito.

> "No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas cujo gérmen foi depositado em seu íntimo, em estado latente a princípio, e que ele deve fazer eclodir e crescer por sua vontade ativa.
>
> Até ao presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a preconizou como poderosa alavanca, e porque se viu nele apenas o chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que realizou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem quando tem fé, isto é, *a vontade de querer*, e a certeza de que essa vontade pode ser realizada. “[2]

[2] O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIX - A fé transporta montanhas - Instruções dos Espíritos - A fé humana e a divina, item 12.

Na sessão seguinte, nós chamamos novamente Pedro, essa grande alma, e lhe fizemos este pedido: "Nosso bem amado Pedro, como outrora o jovem Marcos, nós também queremos, de todo coração, ouvir-vos falar mais sobre o Cristo."

Pedro atendeu ao nosso pedido e nos contou um pouco mais de sua trajetória na Terra, ao lado do Cristo.

Relato II

As palavras de Jesus traziam a marca da sua comunhão com o Pai

"O sol descia no horizonte. O céu multicolorido rapidamente era envolvido por tons mais escuros, mas ainda assim eu via a praia com certa nitidez. O som da âncora, ao tocar na madeira da embarcação, anunciava o fim da primeira travessia.

Preparei-me e mergulhei os pés na água. A memória, avivada pela conversa tida há pouco com Marcos, fez com que a água salgada do Mediterrâneo transportasse meus pensamentos para o grande lago que garantia o sustento de tantos pescadores na Galileia. Evoquei em meus pensamentos os homens simples com os quais compartilhava a atividade diária nas águas; mesmo o mais franzino deles trazia a força que o ofício exigia.

Quando vi o Cristo pela primeira vez, soube de imediato que não se tratava de um pescador. Sua pele e seu cabelo não tinham os traços ou efeitos que as intempéries e os acidentes naturais de nosso labor deixavam em nós. Porém, seu porte altivo, de musculatura aparentemente desenvolvida, deixava claro que se

tratava de um homem forjado no trabalho braçal. Isso, de certa maneira, conferiu maior credibilidade ao homem que nos interpelara.

Era ele, também único e especial, por unir em si dois mundos que eu julgava distintos: o dos sábios — aos quais eu sempre via de mãos macias, tez mais clara e pouca disposição para serviços práticos — e o dos homens do trabalho — de mãos firmes e calejadas, de pele bronzeada pelo sol e de ágil iniciativa para resolver problemas do dia a dia.

"Mas que homem é este?" Perguntava-me. De que limo fora feito? Como explicar este olhar profundo, penetrante e, ao mesmo tempo tão terno, tão envolvente e afável, que pode mergulhar profundamente em nossa alma sem nos causar temor ou vergonha? Sua voz, como também sua aparência, trazia os dois mundos: a suavidade e a força permeavam as ondas sonoras que transportavam os seus ensinos. Ele ordenava com doçura e afirmava com a mais sólida certeza, mas o fazia demonstrando o quão humilde era.

Mesmo que não verbalizasse, nem nos advertisse sobre sua natureza e sua missão, suas palavras traziam a marca da sua comunhão com o Pai. Ouvi-lo era como presenciar os fenômenos da natureza: não há orgulho na chuva, nem nos raios e trovões, nem no vento, nem nas ondas, tampouco no deslocamento das nuvens ou nas estrelas cadentes que riscam o céu. Sua voz trazia a mais nítida e expressiva sintonia do homem com Deus.

Ele não era, como mencionei, um pescador. Não era um de nós. Mas quando orientou: "Lancem as redes ali", não titubeamos. Quando disse: "Sigam-me", não hesitamos. Quem conhece, pela forja do trabalho, o homem e a natureza, tem condições de reconhecer quando está diante do extraordinário, diante do divino, quando este caminha sobre a terra.

Em frações de segundos, tantas boas lembranças do Mestre inundaram meu ser, bastando que eu tivesse colocado meus pés nas águas de Siracusa. Por um ato reflexo e por zelo, Marcos tocou em meu braço, oferecendo-me apoio para chegarmos à praia. Naquele instante, reconduzi minha alma ao presente.

Não percebi que meus olhos estavam marejados; porém vi, iluminados pelas luzes do porto, dois filetes de lágrimas que corriam pelo rosto do meu filho amado, como se ele adivinhasse o meu transporte, o meu reencontro com o Messias nas lembranças do homem das águas, agora homem do Cristo: um pescador de homens sob a proteção de Deus."

Pedro

(Psicografada dia 22 de dezembro de 2025.)

> "Mas os homens ingratos se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não estão mais no corpo, a clamar: Orai e crede! pois a morte é a ressurreição, e a vida a prova escolhida, durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.
>
> Homens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos

clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.” (O Espírito de Verdade)[3]

_____

Relato III

Em tudo Jesus foi bom e para todos é modelo

"Havia dois dias que Marcos e eu estávamos em Siracusa. Marciano[4], nosso irmão em Cristo que nos aguardava numa região mais discreta do porto, conduzia-nos por aquela cidade de viva e intensa agitação. Eram poucos os cristãos, mas reuniam-se regularmente nos lares e, para atender principalmente a quem não tinha a liberdade e a privacidade do culto doméstico, encontros eram realizados em comunhão nas catacumbas ou em áreas mais afastadas das vilas e da região central.

As reuniões mais numerosas eram aquelas das quais participavam senhoras que não queriam expor sua nova fé à sociedade majoritariamente pagã; elas se sentavam ao lado de suas servas e dos escravizados, que aproveitavam quaisquer oportunidades de se afastarem das vistas do seu senhor do mundo para ouvir as palavras do Messias. Eram reuniões curtas, nas quais narrava-se uma passagem da vida do Mestre, uma ou outra de suas

---

[3] O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI - O Cristo consolador - Instruções dos Espíritos - Advento do Espírito de Verdade, item 5.

[4] Marciano é considerado o primeiro propagador do cristianismo e o primeiro bispo de Siracusa, onde chegou no ano 39, enviado por São Pedro, de quem era discípulo.

luminosas parábolas, e recitava-se, de todo o coração, a prece que ele nos ensinara.

Na catacumba em que a mais numerosa assembleia era realizada, poucas lâmpadas e velas iluminavam o ambiente e serviam, também, para que se encontrasse a saída após o término

O contato com o dia naquela cidade agitada me transportava às lembranças das aglomerações de Jerusalém. Percorrendo as vias daquela Siracusa de matrizes gregas, mas repleta de edificações romanas, de anfiteatros e também de um circo, de aquedutos e prédios públicos monumentais; ouvindo vozes pronunciando palavras em muitas línguas, ruídos de carros, de animais e de moedas tilintando, era impossível não recordar de como o Cristo lidava com as multidões e o alvoroço das almas comuns do mundo.

Caminhando ao seu lado, preocupado com sua segurança e seu bem-estar, eu via em Jesus uma paciência sem limites em meio à multidão que muitas vezes se acotovelava para ouvir suas palavras, pedir-lhe a cura de seus males ou simplesmente narrar-lhe as dores e as expectativas de uma Israel novamente livre. Sem demonstrar cansaço, o Cristo realizava curas, libertações, e anunciava a Boa-Nova, mesmo que de muitos só recebesse incompreensão e ingratidão. Alguns tocavam suas vestes, puxavam-lhe o braço e gritavam-lhe em meio às balbúrdias dos deseducados, rogando ou mesmo ordenando-lhe que deles retirasse os males e os pecados.

Em dado momento, o Mestre me dirigia um olhar de maneira específica. Eu sabia reconhecer a mensagem implícita naquele olhar, como se fosse uma senha: era hora de nos retirarmos. Para todos nós que o seguíamos era um momento de alívio. Sairíamos do mar de agitação dos aflitos do mundo para buscar a tranquilidade de algum recanto previamente escolhido: um jardim, a

casa de amigos, ou um espaço para que o Mestre elevasse suas preces ao Pai ou pudesse nos dar as lições do dia. Eram momentos de calma que contrastavam com o tumulto das multidões sedentas; porém, a face do Mestre permanecia a mesma, onde quer que estivesse. A palavra que nos edificava, que nos dava esperança, era transmitida com o mesmo entusiasmo e com o mesmo amor que víamos nos ambientes mais adversos. Ele levava em si, onde quer que estivesse, a tranquilidade imperturbável dos justos.

Em nosso último dia na Sicília, narrei a Marcos algumas experiências vividas com o Mestre em aglomerações e em meios conturbados. Adverti meu amado filho que partiríamos para a maior das cidades, aquela que muitos chamavam de Nova Babilônia, e que a inquieta Siracusa não se comparava a Roma em agitação e perigos. Olhando-me de maneira um pouco ingênua, mas transbordando boa vontade, Marcos me disse: “Roguemos ao Cristo para que possamos tê-lo como exemplo e que não caiamos nas armadilhas do caos e da perturbação. Sejamos pacíficos como ele e busquemos a tranquilidade nele e em nosso Pai, que está nos Céus”.

Abracei-o, comovido por sua fé, elevando minha gratidão ao Mestre, que em tudo foi bom e para todos é modelo. Marciano, vendo a cena, nos aguardava para nos entregar a salvos para mais uma jornada sobre as águas, rumo a um novo porto. Marcos deu-lhe algumas cópias de suas anotações mais recentes, como para retribuir-lhe por sua dedicação. Eram as letras de Marcos e as minhas memórias que começavam o seu percurso de divulgação da Boa-Nova em registros escritos."

Pedro

(Psicografada dia 7 de janeiro de 2026.)

Relato IV

Os feitos de Jesus espalhavam esperança e gratidão

"Roma não se assemelhava a nada do que eu conhecera. Como coração do Império, exercia sobre todas as riquezas uma força atrativa. Talentos de toda parte, desde artífices a renomados oradores, buscavam na capital imperial o palco para saciar suas ambições de sucesso e de poder. A vida cultural era tão pujante quanto vasta era a sede por glória e notoriedade.

Roupas luxuosas, adereços caros e a afetação nos gestos eram os recursos de quem desejava ser notado, almejando a bolsa cheia e um lugar na história da Roma eterna. Um soberano perturbado e extravagante — que por motivos fúteis executava opositores, que obrigara Sêneca a abrir as próprias veias e que justiçara a própria mãe — governava, em meio a desvarios, a cidade mais poderosa do mundo.

As contínuas demonstrações de poder, marcadas pela excentricidade de Nero, faziam escola; poucos eram os que não se rendiam àquela ostentação doentia.

Ao chegarmos à capital, Marcos e eu fomos recebidos pelos cristãos, que se multiplicavam dia após dia, formando uma rede discreta e silenciosa naquele mar de opulência.

Nessa condição que nos exigia prudência, vi a oportunidade de narrar a Marcos situações vividas com o Mestre, nas quais ele optara pelo anonimato. Testemunhei inúmeros prodígios, curas e libertações, mas também o auxílio silencioso aos fatigados e aos que se sentiam injustiçados.

No início de seu percurso messiânico, os feitos de Jesus espalhavam esperança e gratidão; contudo, ele pedia aos

beneficiados por seu auxílio divino que guardassem silêncio, pois ainda não chegara a sua hora de ser plenamente revelado. O Mestre sabia que poucos manteriam o segredo, mas a advertência servia para resguardar a Boa Nova numa rede de amizades sinceras; de corações animados e gratos por verem, aqueles que lhes eram mais queridos, curados, redimidos, encorajados a viver a vida e buscar liberar-se do pecado. Era um grupo de admiradores discretos que, mesmo sem compreenderem toda a sua grandeza, já o reconheciam como o Messias prometido.

Em Roma, nas catacumbas, nos lares e nos recônditos dos estabelecimentos comerciais, vi, em minhas visitas com Marcos, pessoas com o mesmo espírito da Galileia. Percebia no rosto de cada cristão romano a mesma esperança e o mesmo amor genuíno pelo Mestre que nos trouxera a cura, mas que nos pedia, então, a necessária discrição.

Se em mim, que vivera aqueles momentos primeiros da jornada do Cristo, tais lembranças despertavam nostalgia e ternura, no jovem Marcos — que tudo registrava com anseio de dar publicidade aos seus escritos — elas causavam inquietação. Ele acreditava que o número crescente de cristãos já permitia que se proclamasse a própria fé em altas vozes pelas ruas, desafiando a religião tradicional e o próprio Império, que, em sua visão, logo se curvaria às verdades do Cristo.

"Poderia Roma ser tomada pela força da verdade, como outrora Jerusalém o foi pelas armas", dizia ele. "Sinto que aqui nascerá um novo império, fundado no amor do Cristo. Se daqui emana o poder temporal, por que não emanaria a verdade libertadora?"

— Marcos, meu filho, respondi-lhe, se o Cristo outrora pediu silêncio e discrição, porque ainda não havia chegado a hora, hoje, sem sua presença física, devemos agir com toda cautela que o momento

exige. Fortalecer a fé no serviço silencioso é evitar colher o fruto antes do tempo. O Cristo nos permitirá o testemunho público no devido tempo; por enquanto, entendamos que é na intimidade que está o nosso trabalho, que é de semeadura.

Percebi no olhar do escriba que seu entusiasmo de moço dava lugar a uma precoce maturidade. Marcos refletiu sobre minhas palavras e, naquele dia, escreveu sobre a discrição de Jesus, sua sabedoria, seu discernimento quanto ao tempo de agir para que sua obra se desenvolvesse no ritmo e na magnitude que a fizesse ter pleno êxito.

Permaneceríamos em Roma por longo tempo, pois o solo era fértil. Estávamos certos quanto ao trabalho, mas não imaginávamos o que o destino nos reservava. Antes de partir para Alexandria, Marcos ainda teria muito a viver e a registrar naquela Babel que tanto o encantava."

Pedro

(Psicografada dia 21 de janeiro de 2026.)

Relato V

Em Roma, abracei meu filho Marcos pela última vez

"Havíamos percorrido as ruas movimentadas de Roma por aproximadamente três quartos de hora. Priscila, nossa anfitriã, acompanhada de dois de seus servidores, guiava a mim e ao Marcos pelo caminho mais seguro até a casa onde visitaríamos Paulo.

A agitação da cidade e o ritmo de seus habitantes — que pareciam não ter sido afetados pelas más decisões de Nero — eram incapazes de nos distrair do peso que nos oprimia a alma, devido às perseguições cada dia mais cruéis sofridas pelos irmãos em Cristo.

Chegáramos à porta da confortável, mas sóbria, moradia. Discretamente, fomos recebidos e encaminhados ao espaço central, no qual Paulo e Lucas pareciam não nos notar de imediato; sentados à frente de algumas dezenas de rolos de papiro, discutiam animadamente acerca das Escrituras e de como o Cristo havia cumprido as profecias.

Meu irmão de Tarso foi o primeiro a perceber a nossa chegada e logo nos envolveu com seu sorriso acolhedor e suas palavras repletas de amor ao Cristo, ao qual dedicara todo o seu apostolado. A alegria, que a todos contagiou, fez-nos esquecer que aquele lar era onde Paulo se encontrava preso[5] e que dali só sairia para encontrar-se com seu carrasco.

Todos à mesa — mesmo os servos de Priscila, algo impensável para os costumes romanos — partilhávamos não apenas do pão material, mas daquele alimento espiritual que só os textos, as lembranças e as palavras refletidas são capazes de ofertar às almas que se nutrem da verdade.

Marcos não cabia em si de tanto entusiasmo. Discorria sobre a necessidade de uma biografia sintética do Cristo, que fosse inteligível aos judeus e também aos gentios; que demarcasse a

---

[5] "Paulo viveu em Roma entre os anos 61 e 67. Nos primeiros anos estava sob uma condição chamada “custodia militaris”, uma espécie de vigilância da parte do Império. Podia pregar e receber os amigos em casa com apenas algumas poucas restrições. Mas, ainda aguardava o seu julgamento (At 24,23)." (Fonte: Vatican News "Os preciosos passos de São Paulo em Roma.")

prudência do Mestre, seu papel de Messias e seu amor incondicional a todos: aos deserdados da Terra e também àqueles que, cobertos pelas riquezas do mundo, jaziam perdidos na vil pobreza que os afastava dos verdadeiros valores da alma. A escrita, disse ele, deveria ser leve e fácil, e não poderia abrir mão dos recursos literários que os romanos haviam desenvolvido.

Ouvindo as ideias de Marcos, Lucas acendeu o debate propondo uma perspectiva histórica que atendesse mais a detalhes de conexões com as antigas Escrituras, e enfatizou que o papel de Maria, mãe de Jesus, a quem entrevistara, não deveria ser negligenciado.

Paulo e eu, que havíamos tido contato com o Mestre — eu, nas experiências dos três últimos anos em que ele esteve na carne; e Paulo, a partir da estrada de Damasco — e que tínhamos tanto amor e gratidão pelo homem e pelo Espírito, compreendíamos que ali estava uma nova geração. Ela poderia levar adiante, mesmo que a partir de nossos relatos pessoais, uma imagem do Cristo que refletisse o que ele é em essência: um Espírito de moral exemplar e universal, de amor incondicional, de fé inquebrantável e portador de um laço com o Criador que o torna um com Ele.

A satisfação daquele banquete e a capacidade de aproveitarmos o diálogo que envolvia a todos fizera-me recordar a última ceia, em Jerusalém. Ali, mesmo que o Cristo soubesse do desfecho injusto que estava por vir, e ainda que o peso da perseguição e da morte já se espalhasse pela atmosfera, Jesus nos ouvia, dava-nos seus últimos ensinamentos e compartilhava conosco verdades e exemplos que marcariam a todos nós para sempre.

Repartindo o pão e o vinho, num simbolismo que fazia com que esquecêssemos a fome ou a sede, o Messias compartilhava sua alegria e sua dor, deixando claro que, depois dali, todos

teríamos condições de seguir-lhe os exemplos, apesar das quedas e dos erros que nos acompanhariam enquanto vacilássemos em nossa fé.

Vimos, Paulo e eu, como Marcos e Lucas respondiam às questões de Priscila, de Valério e de Rufus com tanta propriedade e tanta luz em suas palavras. Sabíamos que, mesmo depois da morte — testemunho que nos seria cobrado logo mais, ali mesmo na capital do mundo —, tudo o que o Cristo nos ensinara e tudo o que compartilhara conosco permaneceria vivo.

Despedimo-nos, e tomamos o caminho de volta ao lar de Priscila, enquanto Lucas tomava o rumo que Paulo lhe orientara a seguir, a fim de entregar aos seus devidos destinatários suas derradeiras epístolas.

Chegando ao nosso lar romano, abracei meu filho Marcos[6] pela última vez. No dia seguinte, fui levado pelas autoridades da Terra para o meu reencontro com a autoridade do Céu: meu Mestre e Salvador que, modelo da mais verdadeira caridade, tudo compartilhara comigo e com os seus."

Pedro

(Psicografada dia 5 de fevereiro de 2026.)

O grupo evocou novamente o Apóstolo Pedro, dirigindo-lhe as seguintes palavras:

Nosso caro amigo Pedro, nós vos agradecemos por ter atendido ao nosso chamado e pelos relatos que tendes ditado,

---

[6] Em sua 1ª epístola (5:13) Pedro se refere a Marcos como “meu filho”.

contando-nos sobre Jesus e seus feitos, bem como sobre vossas viagens com o jovem Marcos. Desejamos acompanhar vossa trajetória para além do vosso desaparecimento deste mundo, como Pedro, quando morrestes para testemunhar vossa fé em Deus e nos ensinos de Jesus.

Relato VI

Vi-me em meu pequeno barco, que me havia sido dado por meu pai

– “Aqui estou, amigos. Venho em nome de Deus e de nosso mestre Jesus.”

1. O senhor consente em contar-nos sobre sua passagem ao mundo dos Espíritos e seu reencontro com Jesus?

– “Por certo. Buscarei fazer o melhor para que minhas palavras possam servir às almas que buscam aproximar-se do guia e modelo de todos nós.

Nos últimos momentos daquela encarnação, quando o vigor já não pertencia mais ao meu corpo, a ação de meus algozes não sofreu nenhuma resistência. Meu Espírito desprendia-se daquela veste gasta com uma suavidade e uma facilidade que contrastavam com a violência que se podia ver no quadro de meu derradeiro suspiro.

Meus sentidos encontravam-se como que embotados no corpo. Era uma espécie de sonolência, uma ausência de dor; os sons já não me eram distinguíveis. Eu sentia como se estivesse num semissono, num lugar de transição no qual todas as impressões, juízos e mesmo angústias ou esperanças estivessem

em suspenso. Não mais sentia o meu corpo, mas parecia-me que a ele ainda estava ligado de alguma maneira. A gratidão por ter dele me servido durante tanto tempo tomou conta de mim. Então, a lucidez foi-me devolvida e pude dirigir ao meu corpo meus sentimentos mais sinceros, com as palavras em forma de pensamento: “Muito obrigado!”

A partir daí, fui transportado a um ambiente pleno de tranquilidade. Vi-me em meu pequeno barco, que me havia sido dado por meu pai, que tanto me ensinara em vida, transmitindo todos os valores que, nas palavras dele, eram necessários a um bom judeu. O sol, naquele momento tão calmo, era de um calor suave, e compunha singular harmonia com a brisa que tocava meu rosto.

Em meu espírito, toda a minha vida se passava veloz. Cada lembrança tocava-me de um jeito especial, então pude, vendo meus erros, pedir perdão; e, pelos meus acertos, agradecer a Deus e ao meu bom anjo, que nunca me desamparou.

Findado o processo de tudo relembrar e revisar, pude, como havia feito com meu corpo físico, desligar-me daquela existência recém concluída e agradeci a Deus mais uma vez. Depois, do ponto em que minha pequena embarcação estava, no Mar da Galileia, mirei as margens longínquas que se desenhavam. Voltei meu pensamento ao Pai e a ele dirigi louvores carregados de todo o amor que eu era capaz de sentir. Foi nesse momento que percebi a aproximação do ser que verdadeiramente iluminara a minha existência e que, caminhando na Terra como se fosse um simples homem, deu-me as condições de sentir-me filho de Deus e crer, definitivamente, no seu amor, na sua bondade e na sua perfeita justiça.

Meus sentidos espirituais percebiam uma intensa luz, e todo aquele cenário — tão bem construído por minhas lembranças

terrestres — se desfez. Senti-me, então, de fato desprendido da matéria. Senti-me no meu verdadeiro lar, reconhecendo Jesus, meu Mestre maior, em sua verdadeira face.

A bem-aventurança parecia ser definitiva. O amor transbordava em minha alma e nenhuma alegria por mim vivida na Terra, por mais prazerosa que fosse, poderia ser comparada àquela de que meu ser estava pleno. Eu, que tivera minha vida na matéria transformada por Jesus, o Cristo revelador, naquele momento, liberto de quaisquer resquícios de materialidade, pude por ele ser recebido na verdadeira vida e nela sentir-me completo, íntegro e feliz."

2. O senhor reencarnou novamente na Terra, depois de ter sido Pedro?

– "Sim, reencarnei."

3. E serviu ao Cristo como homem?

– "Sim. A fim de cumprir as palavras proféticas do Mestre, voltei à vida corporal no quarto século de sua era, para apascentar suas ovelhas, ligar na Terra o que deveria ser ligado no Céu e dedicar-me a estabelecer as bases de sua igreja. Não vos digo isso sob quaisquer traços de vaidade ou orgulho, visto que tudo o que realizei foi com o Mestre e por ele.

Trago em minhas palavras a intenção de instruir, deixando claro que a obra sempre foi e sempre será do Cristo. Cabe a nós, seus servidores menores, fazer o que pudermos com todo amor, toda sinceridade e com o fervor possíveis para que seus ensinos não sejam esquecidos na Terra, pois deles depende toda alma que almeja libertar-se da dor e da ignorância, comuns em mundos como a Terra.

4. Que personagem o senhor animou no quarto século da era cristã?

– “Agostinho de Hippona.” (Mais conhecido como Santo Agostinho.)

5. O senhor poderia, oportunamente, ditar-nos uma instrução?

– “Sim. Sempre que for evocado e as condições forem favoráveis, eu virei.”

6. Algo mais que o senhor queira dizer-nos, ou podemos encerrar por ora?

– "Sejamos todos gratos ao Espírito de Verdade e ao seu apóstolo maior, o mestre Allan Kardec, que, sob a amorosa e justa vontade de Deus, dão a todos nós, Espíritos a caminho da perfeição, a oportunidade de nos instruir e nos regozijar no mais puro dos prazeres da alma: a amizade sincera que nos envolve nesses momentos de comunhão verdadeira. Nutramo-nos, pois, no sentimento de fraternidade, de respeito, de amor e gratidão a esses Espíritos de Deus, que tanto fizeram e ainda fazem por seus irmãos da Terra."

Pedro

(Psicografada dia 18 de fevereiro de 2026.)

Uma revelação dada espontaneamente

Numa das sessões em que tratávamos da moralização do Espírito do padre Rudolf[7], após este ter-se dado conta do engano em que incorria ao perseguir a Sra. A. C. só porque ela se dedicava ao estudo do Espiritismo, a seguinte comunicação nos foi ditada espontaneamente:

"Ao fundar sobre mim a sua igreja, Jesus sabia que o fazia sobre um homem imperfeito, o que pode ser constatado em muitas passagens do Evangelho. Essa simples observação deveria ser suficiente para mostrar aos homens que, ao contrário de Jesus, todo perfeição e bondade, seus sucessores eram e continuariam a ser homens falíveis. Como esperar, então, que as instituições por eles criadas fossem diferentes de seus criadores? Num mundo imperfeito o joio convive com o trigo, até no que diz respeito às coisas mais santas; mesmo as palavras de Jesus que chegaram a esta época se encontram mescladas por impurezas que não continham originalmente. Era isso que todos os sacerdotes, e digo sacerdotes na acepção que utilizei na semana passada, todos eles deveriam ter em mente que precisavam ligar-se a Jesus acima de tudo, com total fidelidade a ele, e não às instituições criadas para representá-lo; buscando um objeto para acomodar sua fé vacilante, atribuíram à Igreja uma soberania que ela não poderia ter. Todavia, aqueles que erraram de boa-fé acabaram por compreender que era em Deus que deveriam erigir o altar da própria fé, único sobre o qual teriam a firmeza inamovível que buscavam. É para a conversão daqueles que se enganam de boa-fé, que os verdadeiros cristãos

---

[7] Artigos sobre o padre Rudolf: Influência dos Espíritos sobre os homens ; Influência das crenças sobre os Espíritos; A batina do padre Rudolf.

de todos os tempos têm trabalhado, pois como eles não são movidos por segundas intenções, logo se arrependem quando percebem que cultuavam Jesus em altares por vezes erigidos aos bezerros de ouro da vaidade humana. Trata-se, nesses casos, de uma compreensão libertadora, que lhes facilita reparar os erros do passado e a dedicar todas as suas forças ao verdadeiro Cristianismo, em espírito e verdade.

Santo Agostinho, que outrora fora Pedro.”

(Psicografada no dia 11 de fevereiro de 2020.)

“Amigos, sinto-me feliz por me haverdes escolhido para vosso guia espiritual. Ligado à Terra pela grande missão que deve regenerá-la, estou satisfeito por poder encorajar mais especialmente um grupo de pensadores que se ocupam com a grande ideia, e por presidir aos seus trabalhos. Ponde, pois, o meu nome à frente dos vossos, e os Espíritos da minha ordem virão afastar os maus Espíritos que sempre rondam à porta das assembleias onde se discutem as leis da moral e do progresso.

“Que a fraternidade e a concórdia permaneçam em vosso meio. Lembrai-vos de que todos os homens são irmãos e que o grande objetivo do Espiritismo é reuni-los um dia no mesmo lar e de fazer que se sentem à mesa do Pai Comum: Deus.

“Como é bela essa missão! Assim, com que alegria vimos a vós para vos dar a conhecer os desígnios divinos! Para vos revelar as maravilhas do além-túmulo! Mas vós, que já sois iniciados nessas sublimes verdades, espalhai a semente em vosso derredor, e a recompensa será bela. Gozareis, na Terra,

as suas primícias. Que alegria! Marchai sempre na via do ensino, do amor e da caridade!

"Pronunciai meu nome com confiança nas horas de temor e de dúvida. Logo os vossos corações serão aliviados da amargura e do fel que podem conter. Não esqueçais que estarei em todos os pontos da Terra onde tiverdes de levar o apostolado evangélico. Eu vos encerrarei a todos em minh'alma, para um dia vos depositar numa alma mais vasta e mais forte. Estarei sempre convosco, como aqui estou. Minha voz terá para vós a doçura que reconheceis, porque nem gosto dos gritos, nem dos sons agudos. Incessantemente ouvir-me-eis repetir: amai-vos, amai-vos! Poupai-me de me armar do açoite com que se deve ferir o mau. Posto isso por vezes seja necessário, não sejais nunca desse número. Tempo virá em que a Humanidade marchará dócil à voz do bom pastor. Sois vós, filhos, que deveis ajudar-nos nessa regeneração e que deveis ouvir soar a primeira hora, porque aqui está o rebanho que se reúne e o pastor que chega."[8]

"Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte. A razão disso, encontramo-la na vida desse grande filósofo cristão. Pertence ele à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais deve a cristandade seus mais sólidos esteios. Como vários outros, foi arrancado ao paganismo, ou melhor, à impiedade mais profunda, pelo fulgor da verdade. Quando, entregue aos maiores excessos, sentiu em sua alma aquela singular vibração que o fez voltar a si e compreender que a felicidade estava alhures, que não nos prazeres enervantes e fugitivos;

[8] Revista Espírita, agosto de 1862 - Sociedade Espírita de Constantina.

quando, afinal, no seu caminho de Damasco, também lhe foi dado ouvir a santa voz a clamar-lhe: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” exclamou: “Meu Deus! Meu Deus! perdoai-me, creio, sou cristão!” E desde então tornou-se um dos mais fortes sustentáculos do Evangelho. Podem ler-se, nas notáveis confissões que esse eminente espírito deixou, as características e, ao mesmo tempo, proféticas palavras que proferiu, depois da morte de Santa Mônica: *Estou convencido de que minha mãe me virá visitar e dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura.* Que ensinamento nessas palavras e que retumbante previsão da doutrina porvindoura! Essa a razão por que hoje, vendo chegada a hora de divulgar-se a verdade que ele outrora pressentira, se constituiu seu ardoroso disseminador e, por assim dizer, se multiplica para responder a todos os que o chamam. (ERASTO, discípulo de S. Paulo. Paris, 1863.)”[9]

Relato VII

O apóstolo Pedro teria reencarnado como Santo Agostinho?

Caro Santo Agostinho, a revelação de que o senhor teria sido a reencarnação do apóstolo Pedro provocou em alguns membros do grupo um certo estranhamento. Se de fato essa

---

[9] O Evangelho segundo o Espiritismo , cap. I - Não vim destruir a lei - Instruções dos Espíritos - A nova era, item 11.

informação for verdadeira, pedimos que o senhor tenha a bondade de esclarecer-nos sobre os seguintes pontos:

1. Sendo Pedro cristão, e mesmo tendo sido mártir do Cristianismo, como poderia ter rejeitado os escritos dos evangelistas, alguns séculos depois, como Agostinho, na sua juventude?

2. Qual foi a causa do esquecimento de uma fé ardente quanto a de Pedro, numa posterior encarnação, uma vez que o Espírito não retrograda?

3. Qual foi o principal móvel da conversão de Agostinho ao Cristianismo?

4. Algo mais que o senhor queira nos dizer sobre esse assunto?

"Meus amigos, venho em nome de Deus. Acompanho-vos em vossas indagações e esclarecerei vossas dúvidas, pois compreendendo melhor os laços, as relações entre uma encarnação e outra pelo exemplo dos Espíritos que conheceis, podeis compreender melhor a vossa própria trajetória, analisando a vós mesmos no presente e procurando identificar as tendências inatas, as paixões arraigadas na alma, para que possais bem planejar vosso futuro.

Mesmo que vejais incoerências que parecem ressaltar à vista numa análise superficial, vereis que elas são apenas aparentes. No caso de Pedro e Agostinho, sabei que muitas das dificuldades que conheceis pelas minhas confissões, como Agostinho, Pedro as tinha e, sendo um Espírito imperfeito, não as venci todas na encarnação como Pedro.

A principal causa de vosso estranhamento é porque Agostinho rejeitou, nos seus primeiros anos, os escritos dos

evangelistas, embora sempre em contato com eles, graças à sua mãe cristã. Isso se deu porque, antes de reencarnar, como Espírito, tomei a resolução de não crer em Deus senão pela minha própria razão. Se, como Pedro, o próprio Cristo veio encontrar-me e o segui ao ouvir seu irresistível chamado, em outro século eu desejei encontrá-lo lançando mão da própria razão na busca pela verdade; por isso, encarnei num meio propício aos estudos filosóficos, em que pude instruir-me nos ensinos de Sócrates e de Platão que, bem o sabeis, são precursores do Cristianismo e do Espiritismo.

Em minha encarnação como Pedro, eu já aguardava a vinda do Messias e era discípulo de João, o batista, sobretudo porque meu coração ardia ao almejar um reino novo, onde imperasse a justiça. Com o Cristo, aprendi e entendi que o seu reino não era deste mundo e o segui até meus últimos dias e, como ele, recebi o sacrifício da cruz, feliz por servi-lo de todo o meu ser.

Como Pedro, servi ao Cristo no estabelecimento das primeiras noções do seu ensino moral e, junto com outros Espíritos encarnados com esse objetivo, levamos o Evangelho do Cristo às regiões mais distantes que então conhecíamos do mundo antigo, e até onde podíamos chegar.

Como Agostinho, sem a presença física do Mestre, eu deveria aprender a reconhecê-lo em Espírito. Fiz muitas viagens enquanto me instruía, buscando-o sem dar-me conta disso claramente, mas foram as minhas incursões na própria consciência que realmente me levaram até ele. A minha conversão, foi então o ápice de muitas meditações: foi apenas a expressão material do que eu já admitia como Espírito.

Dali em diante, quando meditava nos ensinos do Cristo, percebia que havia entre eles e os de Sócrates uma harmonia perfeita, como as notas de uma mesma melodia. A associação dos ensinos de Jesus com os do antigo filósofo, que há muito eu

estudava, foi-me inspirada pelo Cristo, a fim de que eu entendesse que tais ensinos constituiriam as bases morais sólidas para a construção de um mundo onde um dia as leis de Deus imperarão.

Compreendei, amigos, que, se não aceitei os escritos cristãos num primeiro contato, foi porque eu havia me comprometido com Jesus a aderir de coração aos seus ensinos, pelo uso da própria razão, agora amando-o em Espírito.

As dificuldades que eu percebia em mim mesmo eram devidas a um temperamento demasiado colérico, que favorecia certos arrastamentos que eu deveria esforçar-me para dominar naquela encarnação. Se a presença física do mestre me ajudara no passado a conter certas tendências, nessa nova encanação eu deveria, por esforços próprios, extirpar de minha alma as ervas daninhas que me impediam de ser feliz completamente. O meio vicioso em que nasci era propício às minhas lutas morais e também às boas reflexões. Apesar de me sentir atraído por certas paixões da juventude, a minha consciência me alertava e eu sofria ao tentar, algumas vezes em vão, ouvir a voz da razão. Uma tal situação era ainda alimentada pelos ensinos de alguns filósofos maniqueístas que andavam mais próximos do erro do que poderiam supor.

Como bem disse nosso amigo Erasto[10], eu também tive o meu encontro com o Cristo, o meu caminho de Damasco, quando, num momento de profundas reflexões, eu ouvi “toma e lê”. Assim como ocorreu com Paulo, um véu fora retirado dos meus olhos e, ao ler a passagem das escrituras, fui tomado de admiração e espanto. O próprio Cristo me inspirara para que eu compreendesse, intuitivamente, não o significado da passagem, mas a essência dos seus ensinos, que eu já conhecia.

---

[10] O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. I - Não vim destruir a lei - Instruções dos Espíritos - A nova era, item 11.

Acreditai, amigos, eu sempre estive e sempre estarei ligado à Terra por dever e por amor aos meus irmãos desse mundo. Na minha encarnação como Agostinho, deixei o corpo tendo aprendido a dominar a mim mesmo, a fazer calar o ímpeto das paixões tal como o Cristo dominara o agito das ondas durante a tempestade. Assim como eu e tantos outros Espíritos, vós podeis também domar vossas más paixões, afastar da alma os ventos da impiedade que vos atormentam e vos perdem. Nessa luta contra o homem velho podeis contar com o Cristo, pois ele ajudará a todo aquele que buscá-lo com um desejo sincero de progredir e quiser tê-lo como guia. Os seus fluidos puros envolvem a Terra e são um bálsamo e um atrativo para as almas que estão cansadas do erro e da revolta.

Crede, meus amigos, as histórias que ledes sobre os filósofos que encontram a verdade, sobre a vida dos santos e dos mártires, são a história de vossos irmãos que vos podem servir de exemplo. É com o objetivo de ajudar-vos a vos melhorardes que nos comunicamos e que voluntariamente vos falamos sobre nossas trajetórias, a fim de que compreendais bem que, com esforços reiterados, podeis deixar mais rapidamente esse mundo de provas e expiações e continuar o vosso progresso em mundos superiores, para que, por vossa vez, possais colaborar na grande obra de Deus ao lado do Cristo."

Santo Agostinho

(Psicografia dia 25 de março de 2026.)

"Amigos, sinto-me feliz por me haverdes escolhido para vosso guia espiritual. Ligado à Terra pela grande missão que deve regenerá-la, estou satisfeito por poder encorajar mais especialmente um grupo de pensadores que se ocupam com a grande ideia, e por

> presidir aos seus trabalhos. Ponde, pois, o meu nome à frente dos vossos, e os Espíritos da minha ordem virão afastar os maus Espíritos que sempre rondam à porta das assembleias onde se discutem as leis da moral e do progresso.” (Santo Agostinho).[11]

Nota: não podemos atestar a veracidade dos relatos que trazem a assinatura de Pedro, o apóstolo, mas até onde pudemos comparar as informações dadas com as que constam nos evangelhos, especialmente no Evangelho de Marcos, nada encontramos que pudesse desmenti-las.

Quanto à revelação dada por Santo Agostinho de que ele teria sido a reencarnação de Pedro, pensamos que nada há que desabone um desses dois personagens ao admitirmos a ambos a encarnação do mesmo Espírito.

Lembramos que no século XIX São Luís revelou ter sido a encarnação de Júlio César[12], e também ele não trouxe provas patentes de tal fato, mas pela grandeza das ações de um e de outro desses personagens, a razão e a lógica podem muito bem admitir tal revelação como verdadeira. Pensamos o mesmo em relação à revelação dada por Santo Agostinho.

---

[11] Revista Espírita, agosto de 1862 - Sociedade Espírita de Constantina.

[12] Revista Espírita, dezembro de 1859 - Comunicações espontâneas na Sociedade - Júlio César.